Leandro Campos Alves

A Saga do Viajante

Primeira Edição.

Poema

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Leandro Campos
A saga do viajante : poema épico / Leandro Campos Alves. -- 1. ed. -- Caxambu, MG : Ed. da Autora, 2023.

ISBN 978-65-00-68335-6

1. Poesia brasileira I. Título.

23-153784 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos são reservados. Publicado de acordo com original registrado e averbado na biblioteca nacional.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do autor (Lei número 9.610, de 19.02.98).

Coordenação Editorial:
Leandro Campos Alves.

Site Oficial:
http://www.escritor-leandro-campos-alves.com/

Projeto Gráfico e Diagramação eletrônica:
Leandro Campos Alves.

Editora:
Clube de Autores

Capa:
Leandro Campos Alves

Arte Final da Capa:
Leandro Campos Alves

Correção Ortográfica:
Rosilene Alessandra de Souza Alves
Nádia Maria Corrêa Gonçalves páginas - 16 à 417
Maria do Carmo Figueiredo Paiva- páginas 418 à 1.163

Número de páginas: 1.185
Edição: 1(2023)
Formato: A5 (14,8cm x 21cm)
Coloração: Preto e branco
Acabamento: Brochura s/ orelha
Tipo de papel: Couche 90g
ISBN: 978-65-00-68335-6

Poema Épico - Epopeia
Edição 2023.

Apresentação.

Poesia.

A poesia, ou texto lírico, é uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos ou críticos, ou seja, ela retrata algo em que tudo pode acontecer dependendo da imaginação do autor assim como a do leitor. Poesia, segundo o modo de falar comum, quer dizer duas coisas. A arte, que a ensina, e a obra feita com a arte; a arte é a poesia, a obra poema, o poeta o artífice. O sentido da mensagem poética também pode ser, ainda, a forma estética a definir um texto como poético. A poesia compreende aspectos metafísicos e a possibilidade desses elementos transcenderem ao mundo fático. Esse é o terreno que compete verdadeiramente ao poeta.

Num contexto mais alargado, a poesia aparece também identificada com a própria arte, o que tem razão de ser já que qualquer arte é, também, uma forma de linguagem (ainda que, não necessariamente, verbal). É a arte de poetizar que nos permite exprimir aquilo que está dentro de nós. Também pode ser encarado, como o modo de uma pessoa se expressar usando recursos linguísticos e estéticos.

***Estrofe** é definida, na poesia moderna, como cada uma das seções que constituem um poema, ou seja cada agrupamento de versos, rimados ou não, com unidade de conteúdo e de ritmo. Apresentada geralmente como sinónimo de estância, difere desta quanto ao grau da referida unidade. Na mancha do poema, aparecem separadas por espaços em branco. Tal configuração*

retrata a pausa rítmica e lógica, mais evidente na estância do que na estrofe.

***Verso** é cada uma das linhas que constitui uma estrofe num poema. Existe tanto a poesia prosaica, desprovida de características básicas, isto é, rima, métrica ou mesmo ritmo, quanto a prosa poética, impregnada na poesia. É necessário, contudo, conhecer a técnica adotada pelos clássicos.*

Poesia Épica

Em estudos clássicos, a poesia épica (em grego antigo: ἐπύλλιον, plural: ἐπύλλια, epyllia) é um género da literatura que se refere a um poema narrativo relativamente curto (ou episódios discretos dentro de um trabalho mais longo) que mostra afinidades formais com o épico, mas revela uma preocupação com temas e técnicas poéticas que não são, no geral, ou, pelo menos, primariamente características adequadamente épicas.

Epopeia

A epopeia eterniza lendas a um texto em versos, tais como a Ilíada e a Odisseia, os quais têm a sua origem nas lendas sobre a Guerra de Troia. Mais tarde Aristóteles definiu as regras da epopeia a partir da Ilíada, a Odisseia, sendo que estas regras têm de ser cumpridas à risca para serem consideradas uma obra épica.

A epopeia pertence ao gênero épico. Embora tenha fundamentos históricos, não representa os acontecimentos com fidelidade; geralmente reveste os acontecimentos relatados com conceitos morais e atos exemplares que funcionam como

modelos de comportamento, além de atribuir um caráter quase divino ao herói.

Epopeia é uma narrativa que apresenta com maior qualidade os fatos originalmente contados em versos. Os elementos dessa narrativa apresentam estas características: personagens, tempo, espaço, ação. Também pode conter factos heroicos muitas vezes transcorridos durante guerras.

Epopeia é um poema épico ou lírico. Um poema heroico narrativo extenso, uma coleção de feitos, de fatos históricos, de um ou de vários indivíduos, reais, lendários ou mitológicos. A epopeia eterniza lendas seculares e tradições ancestrais, preservada ao longo dos tempos pela tradição oral ou escrita. A epopeia exalta um povo que é representado por um herói (exemplo: Os Portugueses em Lusíadas). Os primeiros grandes modelos ocidentais de epopeia são os poemas homéricos a Ilíada e a Odisseia, os quais têm a sua origem nas lendas sobre a guerra de Troia.

Segundo Aristóteles, a epopeia é a imitação de homens superiores, em versos com metro único e forma narrativa, diferindo assim das tragédias. As epopeias não possuem limite de tempo ou espaço, tornando-se ilimitadas, diferindo assim das tragédias, que possuem tempo determinado, como por exemplo o período de um dia inteiro.

Monóstico:

Estrofe formada por um verso.

Os Lusíadas

***Os Lusíadas** é uma obra poética do escritor Luís Vaz de Camões, considerada a epopeia portuguesa por excelência.*

Provavelmente concluída em 1556, foi publicada pela primeira vez em 1572 no período literário do classicismo, três anos após o regresso do autor do Oriente.

A obra é composta de dez cantos, 1.102 estrofes e 8.816 versos que são oitavas decassílabas, sujeitas ao esquema rímico fixo AB ABAB CC – oitava rima camoniana. A ação central é a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, à volta da qual se vão descrevendo outros episódios da história de Portugal, glorificando o povo português.

***Os Lusíadas** é constituído por dez partes, chamadas de cantos na lírica;*

. Cada canto tem um número variável de estrofes (em média, 110);

. As estâncias são oitavas, tendo portanto oito versos; a rima é cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos (AB ABAB CC, ver na citação acima);

. Cada verso é constituído por dez sílabas métricas (decassilábico), na sua maioria heroicas (acentuadas nas sextas e décimas sílabas).

Sendo Os Lusíadas um texto renascentista, não poderia deixar de seguir a estética grega que dava particular importância ao número de ouro. Assim, o clímax da narrativa, a chegada à Índia, foi colocada no ponto que divide a obra na proporção áurea (início do Canto VII).

*A estrutura interna relaciona-se com o conteúdo do texto. Esta obra mostra ser uma **epopeia** clássica ao dividir-se em quatro partes:*

Proposição - introdução, apresentação do assunto e dos heróis (estrofes 1 a 3 do Canto I);

Invocação - o poeta invoca as ninfas do Tejo e pede-lhes a inspiração para escrever (estrofes 4 e 5 do Canto I);

Dedicatória - o poeta dedica a obra ao rei D. Sebastião (estrofes 6 a 18 do Canto I);

Narração - a narrativa da viagem, in medias res, partindo do meio da ação para voltar atrás no tempo e explicar o que aconteceu até ao momento na viagem de Vasco da Gama e na história de Portugal, e depois prosseguir na linha temporal.

Por fim, há um epílogo a concluir a obra (estrofes 145 a 156 do Canto X).

Camões lendo «Os Lusíadas» aos Frades de São Domingos (1929), de António Carneiro.

Os planos temáticos da obra são:

Plano da Viagem - onde se trata da viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia de Vasco da Gama e dos seus marinheiros;

Plano da História de Portugal - são relatados episódios da história dos portugueses;

Plano do Poeta - Camões refere-se a si mesmo enquanto poeta, admirador do povo e dos heróis portugueses;

Plano da Mitologia - são descritas as influências e as intervenções dos deuses da mitologia greco-romana na ação dos heróis.

Fonte: Wikipédia

O Viajante.

***O Viajante**, poema composto por quatro contos distintos, onde o narrador é o próprio Viajante em suas andanças.*

Relata em sua obra causos e histórias de personagens fictícios e algumas reais, passagens vividas pelo autor.

*A obra foi escrita entre o ano de 2013 à 2017, e reconhecida oficialmente pelo RankBrasil, em agosto de 2018, como **"o maior poema do Brasil".***

Um poema épico, escrito pelo poeta brasileiro natural da cidade de Liberdade em Minas Gerais.

O viajante vem para contar a história de superação deste escritor mineiro, que não deixou a dislexia por fim em seus sonhos literários.

A Saga do Viajante.

A continuação do poema " O Viajante", intitulado ***"A Saga do Viajante"*** *foi escrito do período de julho de 2022 à fevereiro de 2023. Essa obra se faz pela vida do autor, que já tem por sequência a redação da sua continuação, que terá como título " O Viajante, a Revelação".*

Como se trata de uma obra de aporte valoroso, para a literatura mundial, com prazo indefinido para seu ponto final, o viajante continuará a sua saga, através das inspirações de superação do autor.

Distribuídas em 1.185 páginas, os seus 30.727 versos e 6.346 estrofes, a obra tem com finalidade, alcançar mais um marco de superação do autor, ao levar a mesma ao patamar das prováveis dez maiores obras literária do mundo, e não só da literatura lusófona.

Que Deus sempre nos traga a inspiração, para alcançarmos nossos objetivos.

Deus é meu caminho, minha luz, minha vida.
Sem Ele nada sou.

Agradeço a Deus pelo dom da escrita, pela qual somos ligados pela inspiração, as minhas mãos são o instrumento de Sua vontade.

Por Ele, obstáculos como a dislexia foram superados. Mesmo não compreendendo direito o som dos fonemas, aqui está a continuação da minha obra, que vem para mostrar o Seu poder, uma epopeia que vem para acrescentar na Literatura.

*"O viajante", construído com **2.022**estrofes e**10.875**versos, hoje ganha a sua continuação, que se faz pela " A Saga do Viajante", superando o seu recorde inicial, que foi o marco da história contemporânea da Literatura, ao superar o "Os Lusíadas" de Camões, com **1102** estrofes e **8816** versos, pois "Os Lusíadas" foi construído em 1556, obra que teve o título de maior poema da lusofonia por quase cinco séculos.*

*Também superou outro poema épico, intitulado "História da Cidade Maravilhosa", com mais de **9.700** versos, do poeta e historiador Sérgio Gramático Júnior, publicado em novembro de 2015.*

" A Saga do Viajante" vem sendo construído de forma sistemática, versando a ficção com a realidade, e levando aos nossos leitores, os causos vividos pelo autor, durante sua caminhada nesta odisseia chamada Vida.

Por este feito a Deus agradeço imensamente, que seu nome seja sempre louvado.

Dedico essa obra principalmente à Deus, por me fazer instrumento e espelho de Sua vontade, pela qual mostra ao mundo, que a fé supera obstáculos intransponíveis ao olho humano. A minha querida esposa Rosilene, aos meus filhos Braian e Brendow, e a minha nora Poliana. Eles são a base de minha vida e a sustentabilidade de meu ser, meu porto seguro assim por dizer.

Quero dedicar em especial aos meus amigos, à escritora Maria do Carmo Figueiredo Paiva, e ao seu esposo, meu velho e bom amigo Dr. Roberto de Paiva, pelo carinho e amizade, pois hei sempre de agradecer à Deus, pela oportunidade de tê-los em meu ciclo familiar.

Aos membros da Academia Caxambuense de Letras; a todos os meus amigos que acompanham e torcem pelo meu trabalho.

A todas instituições literárias sérias, na qual tenho a honra de representar, e levo neste marco as suas referências em minha biografia.

A Cidade de Caxambu MG, que carinhosamente adotou-me como seu filho, motivo de muito orgulho para este arauto da poesia.

Aos Mineiros, e a todo povo brasileiro, que terá o como autor de um dos maiores poemas mundiais, um nativo do nosso país.

Dedico também aos sonhadores, pois sonhar é o primeiro degrau que se constrói no projeto chamado Vida.

Viva os sonhos, viva a vida, viva a história!

Homenagem Especial.

Poetisa Maria do Carmo Figueiredo Paiva.

Acróstico Carminha Paiva.

C *- Com a vida aprendemos...*
A *- Aprendemos o valor real da amizade,*
R *- respeitamos o tempo, a idade.*
M *- Memorizamos o amor, a lealdade.*
I *- Interrogamos as indiferenças,*
N *- na contradição de nossas crenças.*
H *- Habitamos em corações,*
A *- alforriando nossas emoções.*

P *- Partilhamos sonhos e ideais,*
A *- admiramos pessoas especiais.*
I *- Isso é a razão do nosso viver.*
V *- Você cativa nossa amizade,*
A *- alegrando-nos a cada alvorecer.*

Convido a todos para conhecerem:

"A Saga do Viajante"

Todo aquele que Nele crer, não será confundido.
Romanos 10:11

A Saga do Viajante

Primeira Edição.

Leandro Campos Alves

2023

“A Saga do Viajante”

No caminho de minha vida,
tive a honra e alegria
de conhecer a alma pura
de um simples caboclo em sua lida.

Contrapondo-se aos fatos,
fui prova viva e virtual
desta história de amor,
regada pelo horror
do relado de um contador.

Que incandescente por ciúmes,
e dos valores conturbados,
leva um filho calmo e amado
a se transformar em um derrotado.

Narro agora esta história
que foi proferida por José,
em um dia de oratória,
engrandecendo a sua vitória,
deturpado pelo remorso de outrora.

Que mesmo em plena glória,
teve em seu rosto transfigurado
pelas lágrimas cadentes
de sua alma descontente.

Caso triste e surpreendente,
mas real em seus dizeres
no qual um irmão amargurado
e completamente enciumado,
ao seu próprio sangue roga males dizeres.

O que agora digo
aconteceu não foi comigo,
mas com uma família que conheci
na região em que nasci.

Região privilegiada e amada,
pela natureza contemplada
que com maestria foi esculpida,
e por Deus foi construída.

Existem lá montanhas majestosas
que são ricas e valiosas.
Riquezas estas extraídas,
por suas belezas visuais
e também pelos valores minerais.

Gravadas em seus relevos,
nascem fontes de águas
cristalinas e aromatizadas,
que por todos são contempladas.

Elas seguem em seu caminho,
pré-definido em seu percurso.
Transpondo os obstáculos,
em quedas livres e pertinentes,
que em sua frente são dementes.

Deslizando entres os arbustos,
levam a paz que todos almejam.
Mas que a ambição do homem desenfreada,
as destroem por onde elas estejam.

Existem lá, também,
bosques verdejantes
e animais estonteantes
que ,com seu canto e cores marcantes,
deixam o entardecer
ainda mais belo para os amantes.

Sobre as montanhas, ao longe enxergamos
e ao horizonte contemplamos.
Parecendo ser uma tela pintada,
com riqueza em detalhes que admiramos.

As cores nelas pinceladas são alucinógenas,
que nos embriagam a cada instante
fazendo-nos crer em um mundo belo,
onde a alma e a matéria são unidas por um elo.

Podendo ser como Deus,
invisível e abstrato.
Que nos deixou no arco-íris,
a marca de seu trato.

Hoje ainda ouvimos, naquele lugar,
o cantar triste do inhambu chitão
que ressoa em contra posição
a alegria do piar
do chororó seu quase irmão.

Foi neste cenário esplendoroso,
que José, todo cauteloso,
pôs-se a sua história narrar.
Com seu jeito simplório de falar
e atitudes de proletário do sertão,
deixava-me com a impressão
de que o matuto estava movido pela paixão.

Foi em seus dizeres comentando
que não era ele sozinho neste mundo,
pois, na casa de seus pais,
moravam, com ele,
pai, mãe e um irmão,
que o amava com todo o poder do coração.

Mas a história que agora lhe conto,
seu moço viajante.
Não é nenhum rompante
de um doído ou caminhante.

E sim...

A verdade de um homem
conturbado pelo remorso
de suas atitudes impensadas,
mas todas executadas
e muito bem elaboradas.

Se o senhor olhar no cume daquela montanha,
vai avistar um casebre
feito todo de palhoça
e cercado por uma pequena roça.

Atrás dela, se olhar com atenção,
verás um riacho e um grotão,
aonde muitas vezes eu me escondia,
para não ser repreendido pelas minhas folias.

Também existe lá um pomar,
que muitas vezes eu e meu irmão,
frutos nas árvores nós íamos apanhar.
Sendo frutos de laranjas, mexericas e limão,
que eram cortados e espremidos,
para com o almoço serem servidos.

Naquela casa de pau a pique,
com as suas cercas ripadas no quintal.
Ela foi toda construída,
nas vésperas de um natal
por um homem com grande ideal.

Era lá a minha morada,
meu pai a fez em uma única toada.
Naquele pedaço de chão tive muita alegria,
Mas, ali, também marquei meu peito
por uma grande melancolia.

Papai era muito trabalhador,
não tinha medo de nenhum serviço.
Homem forte e muito decidido,
que quando descobriu o amor
construiu um lar acolhedor.

Casa simples e pequena,
quatro cômodos eram ao todo.
Mas ali eram incrustados
os sonhos de um devaneador.

Papai foi por mero incomodado
por vários comentários,
Alguns muito desanimadores,
mas todos os rumores,
não o firam desanimar
e nem deixar de minha mãe amar.

Ele era um idealista,
um homem conquistador
que naquele pedaço de chão,
construiu sua grande história de amor.

Hoje todos conhecem a sua saga
da forma que foi falada.

Mas ninguém sabe ,de verdade,
o que aconteceu em minha meia idade.
E em forma de desabafo,
falo a você, viajante de outra cidade.

Papai era homem bom
de índole inquestionável,
companheiro e muito amável,
que, em sua juventude,
conheceu uma jovem camponesa,
transformando-a em sua princesa.

Contam os mais velhos
que esta conquista de meu pai foi a maior,
pois esta jovem tinha uma beleza rara,
pela qual os jovens cavaleiros
impunham seus cortejos mais verdadeiros.

Seus cabelos eram longos e lisos,
sua pele macia como seda,
seu olhar profundo e marcante,
que há quem diga,
que a jovem era uma sereia andante.

Todos os homens que a viam
ficavam hipnotizados à sua frente.
Seus rostos avermelhavam,
suas pernas estropiavam,
e seus cumprimentos fugiam de suas mentes.

Diante da imagem estonteante,
daquela jovem toda radiante,
desejada por todos os amantes,
fazia com que homens feitos e vividos,
tornassem-se todos desprovidos.

Alguns jovens mais otimistas,
tentavam de várias formas,
ter êxito em sua conquista.
Mas ela não lhes dava confiança,
nem mesmo uma faísca de esperança.

Na jovem havia algo diferente
que, repentinamente,
figuravam cenas em nossa mente,
imaginando-a em nossos braços,
ao ardor de nosso amor.

Mas certo dia,
a mágica foi refletida em seu olhar.
Foi a vez, então, dela amar
e sentir o coração mais forte palpitar
por alguém
que morava longe de seu lar.

Não querendo a realidade,
ela tentou ignorar a existência
da vida de sua outra metade
que viria a conhecer mais tarde.

O sentimento foi mais forte,
que a fez sentir a suavidade do amor.
Até que chegou certo momento,
que a realidade ela aceitou
e ao meu pai ela se entregou.

Na escolha de seu par,
com uma simples piscadela
sobre o seu ombrear.
Ela deixou o caminho livre,
para meu pai ir lhe procurar.

Marcantes eram suas formas,
tendo um corpo sinuoso e atraente
que coberto por vestidos longos
com tecido leves e transparentes
deixavam, em seu suave caminhar,
ainda mais desejada,
e, pelos mancebos,
ainda mais cobiçada.

Imperceptível ela não era,
Difícil, mesmo, era esquecê-la.
Foi por esta obra prima
que meu pai, galanteador,
foi em busca de seu verdadeiro amor.

Desta paixão houve o matrimônio,
abençoado e admirado
e dessa vez pelo padre contemplado.

Eram dias de alegria,
em casa, só havia harmonia.
Todas as manhãs
eram por eles admiradas,
não tinha importância,
se com sol amanhecia ou se chovia.

Papai sempre acordava
no início do alvorecer,
preparando o café para sua amada,
levando-o na cama ainda de madrugada.

O dia podia ser longo,
difícil ou desgastante.
Mas para meu pai
que era um homem atuante,
o dia passava rapidamente,
como um vento sussurrante.

A tarde logo se punha,
acolhendo o sol entre as montanhas.
Ao iniciar o crepúsculo,
vestia-se o céu
de uma nuvem de escuridão.
por onde, diz o ancião,
que é para a lua nascer no coração
de todo povo deste mundão.

Foi neste clima de romance
que meus pais se amaram.
Para terem uma chance
de sua família aumentar.
Com objetivo de um filho criar.

Por vários anos conseguintes
sua esposa tentou engravidar.
Mas o destino foi cruel
e um filho ainda não quis lhes dar.

Meu pai, então, começou promessas fazer,
pois a sua esposa
não conseguia um filho conceber.
Ambos eram saudáveis
e não tinha explicação,
para esta falta de concepção.

Médico, ali, não existia,
falar em remédio era uma agonia.
O conforto para todos os males vinha da fé
que vários buscavam no Santo José.

Caso igual era de meu pai,
que sobre os joelhos se pôs em oração
pedindo bênçãos
ao santo de sua devoção.

E se fosse sua promessa concebida
e a sua graça recebida.
E se seu bacuri caso, macho fosse,
o nome de José seria a ele dado,
em forma de batizado,
para cumprir, assim,
a promessa ali efetuada.

Os dias passavam-se interjacentes com as noites,
os meses seguiam sua trajetória,
com a promessa forte na memória.
Nas noites de silêncio absoluto,
ouvia-se nessa região,
somente o chilrear e o coaxar
dos animais que andam sobre a luz do luar.

Dentro de casa,
o silêncio era rompido
pelo ato do amor, puro e apaixonado,
de um casal, fortemente, idealizado,
para seu filho ser materializado
pela fé na promessa feita,
ao santo de sua seita.

Continuo ainda a falar ao senhor,
sem ter nenhum temor.
Que não tem, em nenhum lugar,
casal com este jeito de amar.

Meu pai era virtuoso,
com a minha mãe era muito carinhoso.
Eles falavam apenas no olhar,
o mesmo que o fez apaixonar.

Um dia, meu pai entrou em casa
e viu sua amada com olhar triste,
sentada ao solo,
com lágrimas caindo em seu colo.

Era o olhar de uma mulher
que começava a se render,
pois ela começava a crer
que um filho nunca iria conceber.

Neste momento meu pai também foi solidário,
abraçando minha mãe,
em um carinhoso e longo afago.
Dando a ela um pouco de conforto
para este sentimento amargo,
que para minha mãe tinha o peso de um fardo.

Seus conselhos foram sábios,
como todos que ele proferia.
Era para mamãe ter alegria,
pois tinha ele certeza de que ela conseguiria
engravidar qualquer dia.

Pois eles não tinham pressa,
desde que São José,
cumprisse-lhes a promessa.

Mas se caso ele lhes faltasse,
mãe de certo ela iria ser.
Mesmo que seu ventre não gerasse uma criança,
eles não iriam perder a esperança
de que um filho iriam ter.

Este filho seria amado,
não importando se fosse adotado,
pois pais são quem cria o enteado
e a biologia, um dia,
seria coisa do passado.

Foi então seu viajante,
através do surgimento desta ideia,
que meus pais foram em minha aldeia
e me adotaram como filho
sem pôr nenhum empecilho,
mesmo eu sendo grandinho,
tive sorte ao receber o seu carinho.

Eu era pequenino,
já tinha passado fome e frio,
tomava banho no rio,
mesmo em pleno inverno,
por que não tínhamos banheiro interno.

Nossas malocas eram todas cobertas
com um tipo seco de ramo.
O mesmo material tinha em suas paredes,
que, em seus esteios, ficam algumas redes.

A maloca possuía um único cômodo.
Sendo os dormitórios e a cozinha unidos,
Ficando, em varal, pendurada toda comida.

Homens e mulheres dormiam aos pares ou sós,
dependendo das vontades dos homens,
que, autoritários,
eram, das mulheres, proprietários.

Tinha eu uns três anos de idade,
não compreendia nada,
mas eu sentia
que minha vida mudaria
e, que de todos os conhecidos
eu também esqueceria,
até mesmo minha mãe,
eu não mais a reconheceria.

Pois meu pai já não vivia comigo.
Dizem que sou filho biológico
de um velho mendigo.

A partir daquele momento
eu conheci o amor materno
e o verdadeiro carinho paterno.

Tirei eu a sorte grande,
tornando-me filho deste casal,
que me propôs o amor ideal.

Semanas mais tarde,
recebi o nome da promessa,
chamaram-me de José,
revelando-me toda sua fé.

Descobri com isto, então,
que eu era um ser pagão,
mas graças aos meus novos pais,
agora eu tinha uma religião.

Após meu batismo,
meus pais tiveram uma nova notícia,
que lhes tirou do abismo.

Minha mãe teve a confirmação,
que em seu ventre,
tinha uma nova criação.

Sendo está a tão esperada gestação,
pois José lhes deu a graça da concepção
que os fez chorar de emoção.
Eu que era tão sozinho,
agora iria ter um irmãozinho.

De início fiquei enciumado,
corri para o banhado.
Mas meu pai veio todo animado
e me falou...
que eu seria sempre por ele amado.

Mas como fui muito desconfiado,
revoltei e mudei o meu jeito de ser.
Fui desonesto em meu crescer
E, muitas vezes, eu tive que correr.

Minhas artes eram maliciosas,
não imagina o quanto eram perigosas.
Mas eu não queria nem saber,
só queria aparecer.

Aqui começou a minha saga
que mudaria toda minha vida.
Então, senhor viajante,
peço-lhe que sente e seja paciente.

Pois esta história é comprida,
mas não vou deixar nada ausente
para que o senhor tenha em mente,
como pode um homem ser tão egoísta
e prejudicar sua própria gente.

A gestação de minha mãe
foi alegre e muito boa.
Digo isso não é a toa.

Enquanto suas pernas e seu corpo inchavam,
a sua barriga crescia,
meu pai sempre lhe dizia,
que mais bela ela se tornava
conforme as mudanças,
que a gravidez lhe proporcionava.

Lá em casa,
lembro-me bem,
que ao cair da tarde,
a noite trazia consigo
a necessidade de recolhermos ao nosso abrigo.

O breu da escuridão
era quebrado pela luz de um lampião
que ficava dependurado em um prego
fixado ao corpo do espigão.

Cada cômodo tinha um
que acesos, simultaneamente,
deixavam-nos muito contentes.
E me trazia na lembrança
De que, ali dentro, eu tinha segurança.

Em especial, tinha um lampião
que ficava na cozinha
que meu pai toda noite acendia,
para apagar no clarear do dia.

O grande momento chegou mais cedo,
minha mãe não teve medo,
pois o parto era esperado
não podendo ser mais adiado.

Ao cair da tarde,
as contrações vieram.
A barriga desceu,
o sinal ficou iminente
de que a parteira deveria estar presente.

Meu pai saiu a galope
a procura da parteira mais experiente
que, naquela região, era conhecida por toda gente.

Ela era considerada, por vários casais,
mãe adotiva das crianças
que através de sua competência,

trouxe para sua existência.

E outros casais tinham
um verdadeiro carinho
por aquela senhora
que, para ajudar, não tinha hora.

Os novos pais demonstravam a sua gratidão,
através de um convite com emoção,
para aquela senhora ser madrinha de consagração,
da nova vida em questão.

Assim, rápido como fogo,
seu nome e sua competência
espalhava-se por toda a região.
Abrangendo uma circunferência
que não se tinha compreensão.

Seu nome com tempo mudou,
de parteira sinhá Mariinha,
passou a chamar-se madrinha.

Lembro que meu pai horas andou,
mas por fim,
sinhá encontrou.

Então para nossa casa ele regressou,
trazendo consigo aquela senhora
que já estava curva,
com cabelos brancos, peles franzidas,
pernas tortas e magras,
porém muito compridas.
Mas que me deu toda liberdade
de perguntar a sua idade.

Enquanto a água ela punha a esquentar no fogão,
que usava madeira seca como combustão,
ela me respondeu que a sua idade
era rejuvenescida pela caridade.

Pois já possuía noventa anos,
mas aparentava ter bem menos.
Foi ai que ela reiterou
que também é importante o que comemos.

Calmamente ela pediu licença
e para o quarto de minha mãe se encaminhou
e meu pai ela tranquilizou,
avisando-o que parto não é nenhuma doença.
É apenas uma questão de paciência.

Meu pai aflito na cozinha ficou.
A hora passava
e minha mãe ainda gritava.
Até que um momento ela se calou.
Foi então que o choro ecoou
e na cozinha meu pai se alegrou.

Com o choro a certeza,
de que o filho nasceu.
Neste momento ele compreendeu,
que o Santo José dele não esqueceu.

Mesmo diante de toda dificuldade,
imposta pela escuridão,
intermitente com a luz do lampião,
Sinhá Mariinha comprovou a sua aptidão,
ao conduzir aquele parto,
dentro daquele quarto,
com calma e sabedoria
que só ela possuía.

Meu irmãozinho eu fui conhecer,
tão logo ao amanhecer.

Lembro-me de olhar e seus traços,
que ao vê-lo,
ele foi logo esticando seus pequenos braços,
parecendo que estava me pedindo um abraço.

Ele parecia um anjinho,
que meus pais olhavam com muito carinho.
E ao brincar com ele a primeira vez,
pude notar que ele seria muito cortês.

Tinha algo nele que me encantava,
mas na minha ignorância,
isto me incomodava.
Mesmo assim eu ainda não o amava.

Quando meus pais foram ele batizar,
lembro-me bem de uma nova questão,
que lhes trouxe uma indecisão.

Se a promessa para a sua concepção,
era lhe dar o nome do Santo José.
Como eles poderiam ter dois filhos,
com único nome em compromisso da fé.

Novamente fiquei atordoado,
pois parecia que meu nome era emprestado.
Como tudo ali parecia que estava errado,
Isto me deixou ainda mais irado.

Entre uma conversa e outra,
meus pais iriam batizá-lo
com o nome de João.
Mas para não contradizer
a promessa de sua religião,
não aceitaram esta opinião.

Como o pagamento de promessa era sagrado,
para o Santo José ficar grato,
o seu nome a ele também foi dado.
Eu chamava José Pedro,
e meu irmãozinho,
com o nome de Pedro José foi batizado.

Do meu irmão,
meus pais me fizeram guardião.
Presenciei seus primeiros passos,
todo sem jeito
fora de compasso.

Seus tombos eram infalíveis,
mas muitas vezes previsíveis.
Porém eu nem me importava,
tinha o prazer em vê-lo caindo,
e ainda digo.
Muitas vezes eu percebia o perigo,
mas fazia como se não fosse com meu amigo.

Eu podia ampará-lo,
mas normalmente eu queria era encorajá-lo,
com a nítida intenção de derrubá-lo.

Meus pais viam seus hematomas,
provocadas por suas quedas,
mas diziam que era normal em sua idade,
ainda mais tendo tanta liberdade
de andar conforme a sua vontade.

Eu então me fazia ausente,
ignorando meu irmão plenamente,
deixava-o machucar diariamente.
Tinha prazer em nada fazer.

Muitas vezes eu o incentivei,
a andar por lugares perigosos
e nunca me preocupei,
por sua segurança zelar,
para que o menino,
não pudesse se machucar.

Hoje vejo conscientemente,
que fui um irmão descontente.
Um guardião inexistente.
Deixando o pequenino
em risco iminente.
Mesmo assim,
ele confiava em mim plenamente.
E esta confiança
me amargurava inteiramente.

Eu queria amá-lo
e aprender a respeitá-lo,
porém por mais que me esforçasse,
eu sempre o ignorava,
ao contrário dele
que sempre me olhava,
com um olhar sincero de paixão,
por este seu irmão.

E eu me perguntava,
se eu era merecedor,
de todo o seu carinho
e do seu amor.

Porém eu não tinha nenhuma compaixão.
Sempre lhe fiz armadilhas
e as espalhava pelo chão.
Com o passar dos anos crescemos,
juntos a vida conhecemos.
Minha mãe sempre nos falava
que aos dois ela amava.

Aprendi ,com o tempo, a respeitá-lo,
nossa amizade foi crescendo
pela nossa convivência,
eu fui lhe entendendo,
agora eu o compreendo.

Várias foram nossas brincadeiras,
entre as quais que a gente mais gostava
era nadar nas corredeiras
de um riacho que passava ao fundo,
daquele pedaço do mundo.

Eu tinha quatro anos a mais que meu irmão,
porém ele sempre me defendia de toda opressão.
Opressão esta,
que eu sofria por ser diferente
da anatomia de toda minha gente.

O tempo levou de minha memória
a minha real história
de que eu era filho de um mameluco,
motivo que me tornava diferente
de todos os meus parentes.

Para o meu irmão,
nada disso importava,
porque ele me admirava.
Sentimento pelo qual,
em várias brigas ele entrava.
E muitas vezes...
Ele também apanhava.

Agora vê seu moço viajante,
que a sorte grande eu tirei,
mas nunca valorizei.

Um dia em especial,
muito me marcou,
pela forma que uma brincadeira terminou.
Foi em um mês de agosto,
que tudo aconteceu.

O tempo estava ensolarado
e o campo todo esturricado.
A corrupiana ia para o norte,
predizendo que aquele dia
não me traria sorte.

Fui então brincar no campo,
na divisa do terreno com o do vizinho,
que era de propriedade do coronel Quinzinho.
E eu lá estava sozinho.

Havia do seu lado uma capineira,
com capim muito alto e seco
Que percorria toda extensão
da divisa do nosso pedaço de chão.

Meu irmão nesta hora estudava,
enquanto eu aula matava,
geralmente escondido de meus pais.
Sempre meu irmão me acobertava.
Fornecendo-me as desculpas de que eu precisava.

Neste dia,
ouvi atrás de mim alguns tropeços,
então eu notei que estava acompanhado.

Vi que estava no pasto,
andando atrás de meu rastro,
um pequeno animal.
Pude notar que se tratava do gato de meu irmão,
ao qual nós chamávamos de Miau.

Um gato genioso,
mas muito amoroso.
Então movido pela curiosidade,
peguei o gato sem nenhuma piedade,
Com requinte de crueldade,
resolvi dar cabo a sua hiperatividade.

Pensei por algum tempo
o que podia com o gato fazer
para ele, então, sofrer.

Foi então que eu o untei,
óleo e álcool em seu pêlo eu derramei.
Sem nenhuma culpa nem dó.
Ateei fogo no gato,
que enlouquecido,
correu para dentro do mato.

Então Miau flamejante se transformou
e em uma corrida galopante,
ele distanciou.

Eu via gato agonizar em vida,
mesmo assim eu ria,
ao ver a bola de fogo que ele virou
e a marca que atrás dele ficou.

Só que ao ver a direção que o gato tomou
percebi que aquilo não terminaria bem
e que eu sofreria alguma repreensão também,
a menos se ali não tivesse ninguém.

Por que o gato, ao correr,
foi para o meio da capineira se esconder.
E no caminho de seu martírio,
sua vida lhe faltou,
a morte ele encontrou.

Porém a minha suspeita
logo se confirmou
e o fogo se alastrou.
Deixando naquele caminho,
um forte fogo ardente
que se espalhava rapidamente,
tornando aquele lugar incandescente.

Meu irmão estava voltando da escola,
em punho,
carregava seus livros em uma sacola.

Ele foi se aproximando de casa
e viu seu gato ardendo em brasa.
Neste instante ele se pôs a correr atrás do bichano
para tentar apagar seu fogo
e salvá-lo daquela situação
e acabar com sua aflição.

Mas ele não conseguiu pegar o gato,
que antes de morrer estava correndo descontrolado.
E meu irmão ficou muito desolado
com a morte do pobre coitado.

Eu vi toda aquela confusão
e mesmo gostando um pouco de meu irmão
não me importei com aquela situação.

Cheguei até mesmo a gritar para ele,
dizendo-lhe insultos e rindo com aquela visão
que foi a minha premiação.

Ao olhar todo aquele fogo,
com labaredas amarelas e azuis,
que subiam em direção ao céu,
vi, em meio as chamas,
um homem usando um chapéu.

A confusão estava arrumada,
em um pulo fomos descobertos
por um manajeiro chamado Roberto.
Ele era um peão muito arrojado
e assistiu quase tudo ali do seu lado,
viu meu irmão correndo atrás do gato.
Roberto do coronel era empregado.

Vi o tumulto que ocasionei
E, como sempre me acovardei,
quieto no meu canto eu fiquei.
Seu moço viajante,
aqui eu lhe digo!
Como posso ser eu do meu irmão amigo?

Neste dia,
por duas vezes eu lhe condenei.
Primeiro o seu gato eu matei,
depois outra a ele eu aprontei.
Mas está ainda lhe contarei.
Para que o senhor possa o meu relato compreender
e no final desta história,
toda minha articulação entender.

Ao ver os homens se reunindo
para o incêndio combater.
Eu comecei a correr,
pois pensei em me esconder.
Só que já era tarde demais,
todos ali já tinham me visto
e sabiam de quem eu era filho.

Com certeza eu sofreria alguma retaliação,
pois eu não possuía nenhuma argumentação
para safar desta situação,
porque fui pego em ação.

Tive nesta hora inveja de meu irmão.
Com a certeza que meu pai iria elogiá-lo
pela sua boa intenção
de tentar salvar aquela criação.

O castigo viria rápido como o vento,
e isto eu bem entendo,
pois não foi a primeira vez que eu aprontei,
mas das outras eu escapei.
Desta vez para ileso sair naquele dia
só com um grande milagre eu nada sofreria.

Já em casa, ao cair da tarde,
ouvi o som do matracar vindo da sala.
Meus pais foram atender,
surpresos por esta visita receber.

As horas já eram tardias,
porém eu sabia,
quem na porta batia.
Era o coronel e seus homens,
todos estavam realmente juntos,
unidos até mesmo em sua cor,
que era cinza e preto,
ainda tinham um mau odor.

Coronel Quinzinho na sala adentrou,
os meus pais ele cumprimentou.
Estranhamente ninguém me olhou,
e sim ao meu irmão ele apontou.

Eles deram sequência a sua conversa,
que da cozinha podíamos ouvir
e a cada palavra,
eu pensava em fugir.

Meu pai começou a esbravejar,
demonstrando naquela conversa não acreditar.
Eu podia ver seu rosto avermelhar,
sua fisionomia começou a me assustar.

Coronel falou que não era mentiroso
e tinha prova daquela acusação,
era uma pessoa que viu toda atuação,
por isso ele não tinha pesar daquela condenação.

Olhando a espreita da porta,
vi que entrava outro homem em casa.
Não tive certeza de quem era,
mas suspeitei que fosse Roberto,
que sem o chapéu parecia descoberto.
Por isso não o conheci de longe
e me aproximei para vê-lo de perto.

Ao vê-lo,
meu tremor e medo aumentaram.
Agora todos juntos na sala,
a conversa eles continuaram.

Pode se ver que agora me dei mal.
Cheguei a chorar pensando,
porque matei o miau?

Em certo momento,
a conversa parou.
Ao meu irmão estranhamente,
meu pai chamou.

Então pude observar,
que daquela surra eu consegui escapar.
Roberto apontou na direção,
de Pedro, meu irmão,
acusando-o de toda a tragédia.

Pude ver que Pedro
estava morrendo de medo.
Para mim ele olhava,
enquanto Roberto o condenava.

Roberto em seu relato,
falou que viu o menino,
pondo fogo no gato.
Presenciou toda a sua maldade,
e sua falta de piedade
e seu requinte de crueldade.

Ele viu que o menino,
o seu gato matava.
Enquanto José do outro lado gritava,
pedindo para que seu irmão,
tivesse do gato compaixão.

Além do mais diz Roberto,
que viu tudo de muito perto.
Viu a hora que Pedro tocou o bichano,
correndo atrás dele com um pano,
tocando-o para aquela plantação.
Então ele teve a confirmação,
que pôr fogo na capineira
era sua verdadeira intenção.

Nesta hora o animal já ardia em chamas,
mesmo assim,
Pedro, ainda não satisfeito,
queria no animal dar um fim.

Nesta hora seu moço,
pude observar que meu irmão me olhava,
seus olhos lacrimejavam,
meu pai seu braço apertava,
ele cabisbaixo chorava.
E nada que ele falava adiantava.

Sempre que eu o olhava,
via seus olhos me procurar.
Parecia que ele pedia para eu o ajudar,
ele não queria de meu pai apanhar.

Neste momento,
Roberto me olhou,
e para o meu pai ele falou,
que se tivesse duvidando dele,
em seu outro filho ele poderia confiar.
Por que José estava também naquele lugar.

Seu moço viajante,
está vendo porque eu não sei amar?
Meu pai, ao pedir,
para eu a verdade contar,
ao lado do capataz eu fiquei,
ao meu irmão eu acusei
e a sua surra eu presenciei.

Na hora que ele apanhava com a cinta,
nenhuma palavra ele falou
e nunca me condenou.
Ele em silêncio apenas chorou.
Levou aquela repreensão,
por amor a um irmão.

O pobre coitado,
por mim ele foi açoitado.
E eu nem sequer fiquei chateado
e muito menos,
lhe disse obrigado.

Pois nada acusava meu coração,
e meus sentimentos?
Também não me condenavam.
Muito pelo contrário,
fiquei alegre com aquela escapada,
por apontarem à pessoa errada,
por aquela atrapalhada.

Em certo momento eu que vos narro,
parei de ouvir aquele senhor
narrar o seu lamento,
para entrar em um profundo pensamento.

Eu tentava refletir sobre a existência humana.
E quanto mais eu pensava
em um mundo profano eu caminhava,
ainda mais em sua escuridão eu adentrava.